



ARAUTO

1970

FEVEREIRO

ANO XII

N.º 58

Redacção e Administração: Liceu Nacional da Horta • Editor e Orientador: Dr. Tomaz da Rosa • Comp. e imp. Tip. CORREIO DA HORTA

Redactores

J. Diego, C. Moniz, J. Ferreira, M. Frayão e J. Pires

Chefe do Núcleo

COSTA RITA

Administrador

LUÍS ALBERTO FRAGA

RÉGIO,

Grande entre os Grandes

José Régio (José Maria dos Reis Pereira) falecido em Dezembro último, nasceu a 17 de Setembro de 1901. Licenciou-se em Filologia Românica, em Coimbra, e foi professor no Liceu de Portalegre.

Em 1927, portanto com 26 anos, fundou a revista «Presença» onde trabalharam também, Miguel Torga, Gaspar Simões, Branquinho da Fonseca (um dos grandes amigos de José Régio, a quem dedicou a obra «Mar Santo»), Casais Monteiro, Carlos Queirós. Todos estes poetas e os ou-

tros que colaboraram na «Presença» constituem a segunda geração modernista.

Mas, afinal, que papel desempenhou «Presença», uma das mais célebres revistas literárias portuguesas? — perguntaremos nós.

Os principais objectivos de «Presença» foram: divulgação do modernismo da

(Conclui na 3.ª página)

Adolfo Macedo

Esta nota será breve.

Para quê ser longa? Desde quando podemos nós dar uma ideia, mesmo vaga duma alma tão grande como a de Adolfo Macedo?

Antigo aluno deste liceu, também ele partiu para terras da América em busca duma vida melhor. Foi mais um, entre tantos, que conseguiu promover-se mercê dum trabalho fecundo. Em terras americanas soube mostrar que era português e, sobretudo, Açoriano.

Contudo, Adolfo Macedo nunca se esqueceu da sua terra e do seu liceu.

Grande amigo deste estabelecimento de ensino, endereçava-lhe periodicamente revistas, livros e ajuda financeira.

Hoje está morto. Passou-se a 20 de Outubro do ano transacto.

Nos seus últimos desejos lembrou-se mais uma vez do seu liceu: revistas e cinquenta dólares.

Bem haja.

Acenamos daqui um agradecimento a mais esta obra meritória.

Cumpre-nos também agradecer a Miss Herta Waltuch, que foi a concretizadora dos últimos desejos do sr. Adol-

(Conclui na 2.ª página)

ALVES REDOL

Faleceu recentemente no Hospital de Santa Maria Alves Redol, que foi em vida um homem do povo e um escritor do povo. O seu funeral teve lugar em Vila Franca de Xira e traduziu uma vibrante e silenciosa manifestação de pesar; acompanharam os seus restos mortais, que repousam

numa campa rasa do cemitério da Vila, intelectuais, artistas e uma massa humana de milhares e milhares de pessoas do povo, gente anónima e humilde que ele sempre acarinhou e defendeu com lucidez, coragem e garra ao longo da sua vasta produção literária, inteiramente votada aos problemas sociais.

Alves Redol foi um dos teorizadores do neo-realismo Português, seguindo a pegada de Jorge Amado e José Lins do Rego, coriféus da escola Brasileira.

O romance «Gaibeus»
(Conclui na 2.ª página)

José Régio

Faleceu em Dezembro um dos maiores poetas portugueses de todos os tempos e, possivelmente, o maior deste século depois de Pascoais, e Fernando Pessoa — José Régio.

O «Arauto» neste número pretende dar certo relevo ao seu nome, tendo em vista sobretudo o interesse que tão prestigiosa figura literária despertará certamente nos alunos mais adiantados do nosso Liceu.

NOVO REITOR DO LICEU

No dia 28 de Janeiro, o Sr. Dr. Manuel Alexandre Madruga, que dedicou longos anos de esforço e trabalho ao serviço deste liceu, ao deixar a Reitoria, conferiu a posse do cargo de Reitor ao Sr. Dr. José da Silveira Pinheiro, conceituado e distinto professor do nosso estabelecimento de ensino.

Ao Sr. Dr. Manuel Alexandre Madruga o «ARAUTO» exprime o seu agradecimento pelas facilidades e financiamento que tem dado ao nosso jornal e que esperamos continue a dar.

Ao novo Reitor do nosso Liceu apresentamos as nossas felicitações, oferecendo o nosso melhor opoio e colaboração.

Ecos do 1.º de Dezembro

Amigas de Olivença

Como nos anos anteriores este benemérito grupo dos amigos de Olivença promoveu, no 1.º de Dezembro uma patriótica homenagem aos heróis da Restauração.

A Direcção do Grupo depôs na base do Monumento aos Restauradores o braço de Olivença delineado num emblema de flores naturais.

Apoiamos esta atitude desassombrosa e nacionalista, que evoca a histórica vila portuguesa de Olivença indevidamente retida pela Espanha.

Dr. Agostinho Vasconcelos

Lecciona pela primeira vez no nosso Liceu, o Sr. Dr. Agostinho Teixeira de Vasconcelos, professor de Filosofia e História, desde Novembro.

Cântico Negro

«Vem por aqui.» — dizem alguns com olhos doces,
Estendendo-me os braços, e seguros
De que seria bom que eu os ouvisse
Quando me dizem: «vem por aqui!»
Eu olho-os com olhos lassos,
(Há, nos meus olhos, ironias e cansaços)
E cruzo os braços,
E nunca vou por ali...

A minha glória é esta:
Criar desumanidade,
Não acompanhar ninguém.
— Que eu vivo com o mesmo sem-vontade
Com que rasguei o ventre de minha Mãe.

Não, não vou por aí! Só vou por onde
Me levam meus próprios passos...
Se ao que busco saber nenhum de vós responde,
Por que me repetis: «vem por aqui»?
Prefiro escorregar nos becos lamacentos,
Redemoinhar aos ventos,
Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,
A ir por aí...

Se vim ao mundo, foi
Só para desflorar florestas virgens,
E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada!
O mais que faço não vale nada.

Como, pois, sereis vós
Que me dareis machados, ferramentas, e coragem
Para eu derrubar os meus obstáculos?...
Corre, nas vossas veias sangue velho dos avós,
E vós amais o que é fácil!
Eu amo o Longe e a Miragem,
Amo os abismos, as torrentes, os desertos...

Ide! tendes estradas,
Tendes jardins, tendes canteiros,
Tendes pátrias, tendes tetos.
E tendes regras, e tratados, — e filósofos, e sábios.
Eu tenho a minha Loucura:
Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura,
E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios!

Deus e o Diabo é que me guiam, mais ninguém.
Todos tiveram pai, todos tiveram mãe.
Mas eu, que nunca principio nem acabo,
Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.

Ah, que ninguém me dê piedosas intenções!
Ninguém me peça definições!
Ninguém me diga: «vem por aqui»!
A minha vida é um vendaval que se soltou.
É uma onda que se alevantou.
É um átomo a mais que se amainou...
Não sei por onde vou,
Não sei por onde vou,
— Sei que não vou por aí!

CONTOS

Vai o menino só na estrada grande,
Grande e medonha entre pinhais sombrios,
Entre uivos ruivos, roucos e bravios
Arranhando o silêncio que se expande...

A mãe dissera-lhe: — «O menino, ande
«Longe das selvas, dos fundões, dos rios...»
E avós, irmãos, amigos, primos, tios:
— «Menino, vá por onde a gente o mande»

Mas o menino foi desobediente:
E andou por vias invias ou sem gente,
Pela mão de enigmáticos destinos.

Saltar-lhe-ão lobos vis e cães de el-rei...
— Foi pondo o ouvido em terra, que escutei
Lobos uivar e soluçar meninos.

Gênese

Sózinho, à margem do caminho, um verme.
Passam, repassam bandos pela estrada.
E alguns vão vê-lo... ou antes: vêm ver-me,
Com um dó que dói como uma chicotada

Passam, repassam bandos pela estrada...
Levantam pó que desce a envolver-me.
E outros, por animarem a jornada,
Jogam à bola com minha 'alma inerte.

Passam. E à margem do caminho, triste,
Respiro o pó que inda no ar persiste...
Cai das estrelas o silêncio, o espanto.

Qualquer coisa de absurdo me sufoca.
Maior do que eu, sobe-me a alma à boca.
Não posso mais! Incho de angústia! — E canto...

ÍCARO

A minha Dor, vesti-la de brocado,
Fi-la cantar um choro em melopeia,
Ergui-lhe um trono de oiro imaculado,
Ajoelhei de mãos postas e adorei-a

Por longo tempo, assim fiquei prostrado,
Moendo os joelhos sobre lodo e areia,
E as multidões desceram do povoado,
Que a minha dor cantava de sereia...

Depois, ruflaram alto asas de agoiro!
Um silêncio gelou em derredor...
E eu levantei a face, a tremer todo:

Jesus! Ruirá em cinza o trono de oiro!
E, missérrima e nua, a minha Dor
Ajoelhara a meu lado sobre o lodo.

Régio, Grande entre os Grandes

(Conclusão da 1.ª página)

primeira geração, (que teve como figura principal Fernando Pessoa e por órgão mais saliente a revista «Orféu» — 1915), e, além disso a imposição definitiva dos princípios modernistas.

Os seus poetas revelaram tendências diversas, mas a nenhum deles era estranha a auscultação do sub-consciente, atitude em voga a partir de Freud. Régio distinguia-se por uma poesia de interioridade, exploradora do mundo do «Eu». Assim, foi grande, muito grande, como poeta. Contudo, também cultivou outros géneros: O Romance, o Conto, o Teatro e a crítica literária.

As suas principais obras poéticas são: «Poemas de Deus e do Diabo», «Biografia», «As encruzilhadas de Deus», «Fado», «Mas Deus é Grande» e «A chaga do lado». Poesias suas como: «Cântico Negro», «Versos da Bela Adormecida», «Sarça Ardente» e outras revelam originalidade e grandeza que poucos poetas conseguiram atingir.

No romance e no conto distinguem-se sobretudo: «Jogo da cabra-cega», «Davam grandes passeios aos Domingos...», «O Príncipe com orelhas de burro», «Histórias de mulheres» e «A velha casa».

«Benilde ou a Virgem-Mãe», «A Salvação do mundo» e «Jacob e o An-

jo» (traduzida para francês e representada em Paris), são as melhores peças teatrais.

Em crítica literária as suas obras mais importantes são: «Críticos e criticados», «António Botto e o amor», «Em torno da expressão artística» e «Pequena História da Moderna Poesia Portuguesa».

Assim, podemos afirmar, sem a mais leve sombra de dúvida que o nome de José Régio está incluído entre os maiores vultos da Literatura Portuguesa.

Renato Leal

Agradecimento

O «Arauto» agradece aos Jornais da Horta e a «O Dever» as amáveis referências feitas ao nosso jornal.

Adolfo Macedo

(Conclusão da 1.ª página)
fo Macedo, em relação a este liceu.

Obrigado.

Está morto dissémos. Mas em verdade continua vivo para nós, para o Liceu Nacional da Horta, de que ele nunca se esqueceu.

É uma figura que honra o nosso Distrito. Não o esqueceremos também, pois o seu nome é digno de longa memória pelo seu espírito de beneficência e apoio cultural á Juventude estudantil da nossa terra.

A Jaula e as Feras

Vivem centos de doidos nesse hospício
(Quem no diria, olhando cá de fora...?!)
É o portão dança já no velho quício,
Dança, e faz entrar mais a toda a hora.

Trazem todos um sonho, um crime, um vício,
E foram reis lá muito longe, outrora...
E em seus rostos de espanto ou de flagício,
Não sei que ausência atroz se comemora.

Faz medo e angústia olhá-los bem nos olhos;
E, lá por trás de grades e ferrolhos,
Estoiram de ansiedade desmedida.

— Meu corpo, Ô meu hospício de alienados!
Abre-te aos meus desejos enjaulados,
Deixa-os despedaçar a minha vida!

O Bingo do 6.º Ano

Como foi do conhecimento geral dos estudantes deste Liceu, efectivou-se a 13 de Dezembro, um Bingo organizado pelos alunos do 6.º Ano, na Sociedade Amor da Pátria, orientado pelo Prof. António Duarte que se dedicou a esta iniciativa com a sua competência e o seu entusiasmo.

Esta realização tirou algum tempo de estudo aos sextanistas, mas também conseguiu algum resultado para os fins a que se destinava: uma excursão de finalistas possivelmente à ilha Terceira, no próximo ano.

Cremos ter sido do agrado geral do público que naquela noite estava presente na Sociedade Amor da Pátria.

Certamente, no respeitante às canções, a principal atracção do espectáculo terá sido a actuação de Carlos Moniz, que então se es-

Alves Redal

(Conclusão da 1.ª página)

publicado quando o autor contava 28 anos de idade é justamente considerado um paradigma deste movimento o que por si só lhe confere um lugar de honra no panorama da cultura Portuguesa dos últimos 30 anos, sobejamente assegurado pelo exemplo que constitui a sua criação literária.

Mereceram-lhe particular atenção os problemas do Ribatejo que ele tratou em «A barca dos sete lemes», «Fangas», «Avieiros», etc... Também focou a vida e as aspirações dos homens do Alto Douro a par dum rica descrição paisagística na triologia «Ciclo de Port-Wine» e dos pescadores da Nazaré em «Fenda na muralha». São ainda da sua autoria situando-se todavia noutra linha «O cavalo espantado», «O muro branco» e «O destino morreu de repente» (teatro), entre muitas outras obras.

J. F. D.

treou entre nós, pois quase todos os números que cantou foram bisados e muito aplaudidos.

Cantaram também com grande aceitação e agrado: Maria Esméria, Ana Eduína, Maria do Carmo, Ana Maria Gaspar, Luís Alberto Fraga, Francisco José e Jorge Alberto, tendo também alguns deles repetido as suas canções a pedido do público.

O Côro Misto do Liceu, sob a segura regência do Prof. Manuel Gaudêncio, deu ao espectáculo um tom natalício, interpretando Cânticos de Natal de diversas épocas e nacionalidades, dando assim uma nota do que tem sido o Natal através dos tempos e em lugares diferentes do Mundo.

Os Jograis do sec. XXI, interpretados por José Manuel Ferreira, João Pires e Mário Frayão, fizeram a leitura de um trecho crítico, relativo não só ao Liceu, como também à vida desta nossa cidade, emprestando a este passatempo um pouco de bom-humor.

No «momento de poesia», Mário Frayão destacou-se recitando expressivamente «Santos Reis» de António Sardinha.

A locução esteve a cargo de Ilda Germano e Mário Frayão que desempenharam cabalmente e com pleno domínio esse importante e difícil papel.

Foi uma actividade em que foi despendido bastante trabalho; dum maneira geral, o trabalho de todos os sextanistas, embora poucos tenham colaborado em maior escala.

Mas foi uma realização feliz e é pena que não se repitam tão brilhantes iniciativas.

O que mais se lucra destas efectivações é o facto de se despertar o espírito de camaradagem entre os estudantes e a cooperação mútua para a mesma tarefa: A união faz a força.

São assim os Estudantes...

MEXE-RIQUEIRICE

No último número noticiámos que a nossa colega Orlanda estava a bater o recorde de correspondência recebendo «3» cartas diárias.

Ora constou-nos que talvez devido aos respectivos atrasos de barcos esteve 2 dias sem receber correspondência. Isso foi motivo mais que suficiente para ela lhe telegrafar exigindo justificação daquela ausência de demonstração do seu amor diário.

Sentimos seriamente que ele tenha de aturar aquele feitiço durante toda a vida, pois ela nem desculpa uma demora de barcos.

Terá o «Jorge» ficado ofendido com a difusão que fizemos acerca do seu amor ou o rompimento terá sido espontâneo? O que é certo é que eles acabaram definitivamente com a questão.

ÚLTIMA HORA — Segundo notícia recentemente posta a circular a notícia acima transcrita não tem fundo de verdade. É a seguinte: o «JORGE + EVELINA» começaram, e de que maneira... o «JORGE» por causa dos inconvenientes e como é conveniente passou a frequentar a explicadela, e tudo por causa de não a perder de vista um só momento à luz do dia, ele lá sabe o que lhe pode custar um descuido.

Há tempos surpreendemos o nossos administrador num colóquio amoroso que que demonstra bem a sua pouca experiência nos assuntos relacionados com o amor. Transcrevemos um dos trechos que mais evidenciam essa sua pouca experiência.

ELE — Boa tarde!

ELA — Boa tarde, estás bom?

ELE — O tempo está bom

ELA — tenho frio...

ELE — Mete as mãos nas algibeiras

ELA — Nas tuas ???...

ELE — Nas tuas!!!
ELA — Ah! Ah! Ah!
ELE — Hum! Hum! Hum! (vermelho)

ELE — Vem entrando um barco

ELA — Vamos á doca

ELE — Não, podem pensar mal.

ELA — Talvez

ELE — Queres que te cante uma «CANZONNE PER TE»

ELA — Mas aqui não.

ELE — Não! Não! É aqui no meio do largo.

— E esta conversa prolongou-se por mais um quarto de hora registado no «barometro» do «Barão da Pouca Terra».

ATENÇÃO

Aceitamos na nossa redacção inscrições para concurso de pintura.

É que ultimamente tem havido algumas manifestações e é pena desperdiçarem-se tamanhos talentos em tais «riancices».

Romeu e Julieta

É o nome dum novo romance (amoroso) posto a circular nas ruas da nossa cidade. Apesar do titulo, a história é bem simples: a união de dois seres por um amor que talvez os conduza ao santo SACRIFÍCIO do matrimónio.

Pequenas Grandes Notícias do Carnaval

— O M. Frayão teve 10 desgostos de amor, entre eles contam-se algumas «tampas» e empianou-se ligeiramente (tudo é relativo, neste caso, aos desgostos).

— O Cardoso (tás grosso?!) tomou a 1.^a e a 2.^a pianolas da sua vida, dançou pela 1.^a, 2.^a, 3.^a, 4.^a e 5.^a vezes, na sua vida e apanhou a 1.^a e 2.^a baixas da sua vida.

Que tal?

— O «João grande» tentou com os seus acoólitos, alcoólicos uma campanha de mentalização, primeiramente individual e depois, das massas, quando o coeficiente volátil — alcoólico atingiu e ponto critico.

— Logo antes do carnaval, ela, a Marisa entrou na aula de Filosofia.

O professor disse—temos hoje uma aluna nova?!?!

— Razão de ser do comentário:—um excesso berante e policromado de pintura no rosto. Ela lá tinha as suas razões, pois durante o Carnaval foi pessoa nunca vista.

—O «Micróbio» viveu 50% do seu primeiro Carnaval em estado de choque. Apanhou uma baixa e

perante o espanto geral (isto depois) gritou: Abram a roda !! (Paul Jones, no Amor da Pátria)

Para quê??

—O «Bengalinha» foi apanhado em flagrante delito por um nosso repórter (sem intenção) e tal como o foi prometido guardamos segredo.

--Há uma menina que agora (pelo Carnaval, ao menos) virou o disco para «estou interessada». Ele é o «Saramago» (que já aprendeu a dizer Amor, ele dizia «amô»).

O «Saramago» merece, todavia, um capítulo à parte, pois segundo se crê, fundamentados no que se viu, a Dualda anda a tentar o «Encanto» por todos os meios legalizados. O pobre do moço assim acediado afogou-se em Champagen.

No outro dia tinha dores no estomago e securas na bôca. Calcule-se, com uma mudança tão brusca de ambiente e com uma tal insistência por parte do «sexo-fraco».

Até faz dó!!

—Francamente, o que dirá o Costa (das Ribeiras) desta acção de «tentar o encanto».

PADRE - NOSSO DO TIPÓGRAFO

Chefe nosso que estais na redacção, muitos bons dias, vamos distribuir: venham a nós os vossos originais, seja feita a vossa vontade na composição como na impressão; o salário nosso de cada dia nos daí ao sábado, Perdoai-nos, Senhor, as nossas gralhas assim como nós perdoamos os erros, má caligrafia e as sucessivas provas pedidas; não nos deixeis cair no sono livrando-nos do trabalhar de noite. Amén.

Cine Académico

Apresenta todos os dias úteis e inúteis a horas impróprias e em sítios legais ou ambulantes (Urbana).

Uma formidável produção deste jornal intitulada:

«PRESO PELO BICO»

com: BUCHA e ESTICA

Um argumento profundamente humano e rico em romantismo e acção. É a história dum homem ambicioso que aspira a ser chefe, mas que acaba por ser dominado pela lei de Newton (da atracção universal): «Materia atrai materia, na razão directa das massas...»

É RIR! RIR! RIR!...

Aceitam-se marcações na nossa redacção.